



Adolescentes e o Álcool numa escola do Alto Minho

Vítor Miguel Afonso Covelo

Dissertação de Mestrado Integrado em Medicina

Porto, Julho de 2013

Vítor Miguel Afonso Covelo

Adolescentes e o Álcool numa escola do Alto Minho

Dissertação de candidatura ao grau de Mestre em Medicina submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar

Orientador: José Maria Leão Ferreira Queirós

Categoria: Licenciatura

Assistente Hospitalar Graduado de Psiquiatria

– Centro Hospitalar do Porto

Professor associado convidado de Saúde Mental ICBAS-UP

– Universidade do Porto

Porto, Julho de 2013

RESUMO

Introdução: O álcool é a substância psicoativa mais comum junto dos adolescentes portugueses, constituindo o seu consumo uma realidade preocupante na perspetiva de diferentes áreas da saúde. A investigação nesta área é essencial pois assegura a evidência necessária para desenvolvimento de estratégias preventivas eficazes e adequadas aos contextos alvo.

Objetivos: Caracterizar o consumo de álcool dos adolescentes em meio escolar no concelho de Melgaço (Distrito de Viana do Castelo), e averiguar a sua relação com as variáveis género, idade, ano de escolaridade, nível de escolaridade parental, local de residência, insucesso escolar e a frequência em cafés e Bares/Discootecas de forma a identificar fatores e grupos de risco.

Métodos: Estudo transversal, atual e retrospectivos, com amostra constituída por indivíduos a frequentar o 9º, 10º, 11º, 12º ano da Escola Básica e Secundária de Melgaço. O instrumento utilizado foi um questionário de dados sociodemográficos, e a Escala de Envolvimento com o Álcool para Adolescentes – AAIS – (Mayer & Filstead, 1979) aferida para a população portuguesa por Barrias et al. (1984).

Resultados: Obtiveram-se 147 inquéritos validados, com 47,6% de indivíduos do sexo masculino e 53,4% do sexo feminino, 41,5% entre os 13-15 anos e 58,5% entre os 16-19. Em relação ao consumo de álcool, 81% já terá consumido, dos quais 87,4% no último ano, apresentando 53,1% pelo menos um consumo mensal. Os contextos de consumo mais referidos são os cafés e os Bares/Discootecas, ambos mais frequentados ao fim de semana. As bebidas destiladas são as mais consumidas especialmente pelas raparigas ($p=0,002$). O nível de envolvimento com o álcool constatou-se significativamente mais elevado no grupo de adolescentes entre os 16-19 anos ($p<0,001$), nos alunos do 12º ano ($p=0,001$) e nos indivíduos que frequentam cafés ($p=0,037/0,027$) e Bares/Discootecas ($p=0,007/p<0,001$) mais regularmente. Os consumos foram transversais ao longo dos grupos das restantes variáveis avaliadas.

Conclusão: Os consumos registados estão abaixo do referido em outros estudos a nível nacional, não deixando no entanto de ser preocupante para a faixa etária em questão. A progressão dos níveis de consumo com a idade e até ao final do secundário assim como a forte associação aos cafés e bares/discootecas são dois pontos essenciais a ter em conta para a elaboração de estratégias preventivas.

Palavras chave: Adolescência, Bebidas alcoólicas, Escola, Meio Rural

ABSTRACT

Introduction: Alcohol is the most common psychoactive substance among Portuguese adolescents, constituting their current consumption a concern from the perspective of different health areas. Research in this area is essential because it provides the evidence needed to develop effective and appropriate preventive strategies.

Objectives: To characterize the alcohol consumption of adolescents in middle school in the town of Melgaço (Viana do Castelo), and investigate their relationship with the variables gender, age, years of schooling, parental education, place of residence, school failure and the frequency in cafes and Bars/Nightclubs in order to identify and risk factors and groups.

Methods: Cross-sectional study, current and retrospective, with sample of individuals attending the 9th, 10th, 11th, 12th years of Primary and Secondary School Melgaço. The instrument used was a sociodemographic questionnaire, and the Adolescent Alcohol Involvement Scale - AAIS - (Filstread & Mayer, 1979) validated for the Portuguese population by Barrias et al. (1984).

Results: We obtained 147 surveys validated, with 47.6% of males and 53.4% females, 41.5% between 13-15 years old and 58.5% between 16-19. In relation to alcohol consumption, 81% have already consumed, of which 87.4% last year, with 53.1% having at least a monthly consumption. A higher percentage of adolescents was found to consume alcohol in cafés and Bars/Nightclubs than in other contexts. This contexts are more likely to be attended during weekends. The spirits are the most consumed drinks especially by girls ($p = 0.002$). The level of involvement with alcohol was found significantly higher in the group of adolescents aged 16-19 years old ($p < 0.001$), students in the 12th grade ($p = 0.001$) and in individuals who frequent cafes ($p = 0.037 / 0.027$) and Bars / Nightclubs ($p = 0.007 / p < 0.001$) more regularly. There were no statistical differences in alcohol involvement among the rest of the variables.

Intakes were cross over the groups of remaining variables evaluated

Conclusion: The intakes recorded are below of the referred in other studies nationally, leaving however a concern for the age group in question. Progression consumption levels with age and by the end of the secondary as well as the strong association with cafés and bars / nightclubs are two essential points to take in consideration for the development of preventive strategies.

Keywords: Adolescence, Alcoholic drinks, School , Rural Background

INTRODUÇÃO

A adolescência resume-se a um período de crescimento, de desenvolvimento de uma progressiva maturidade a nível biológico, cognitivo, social e emocional que marca a transição entre a infância e a idade adulta no ser humano. Não existe porém nas sociedades modernas um acontecimento único que marque o início ou final desta fase, não havendo portanto em termos cronológicos, um tempo exato para a sua duração¹ No entanto a OMS considera como adolescentes os indivíduos dos 10 aos 19 anos de idade e população juvenil dos 19 aos 24 anos.²

Este período do desenvolvimento onde os indivíduos estão ávidos para se afirmarem como independentes apresenta-se como uma fase de risco no que se refere a todo o tipo de experiências com comportamentos potencialmente comprometedores para a saúde do adolescente como o consumo de substâncias psicoativas³⁻⁴. Neste grupo de substâncias o álcool adquire local de destaque já que é uma droga que para além de fazer parte da nossa cultura, aceitando-se o seu consumo moderado às refeições, festas e convívios sociais, tem venda livre e legal, ocorrendo, frequentemente, as primeiras experiências com bebidas alcoólicas antes ou durante os primeiros anos da adolescência.⁵ O que é alarmante já que os indivíduos que iniciam o seu consumo de álcool entre os 11 e os 14 anos possuem um risco muito aumentado de subsequentemente desenvolverem comportamentos de consumo abusivo ou até de dependência.⁶

Dados da investigação indicam que durante a adolescência a percentagem de consumidores vai aumentando progressivamente com a idade.⁷ Está descrito que o pico de consumo ocorre tendencialmente no período imediatamente após o final do ensino secundário, por volta dos 18 anos.⁸

O álcool é a droga mais comum junto dos adolescentes, estando associada à maioria das causas de morte e incapacidade nesta fase da vida.⁵ Para além disso os seus efeitos a nível neurológico acabam por ter implicações nas capacidades de aprendizagem e do desenvolvimento intelectual dos jovens consumidores, numa idade em que estas são essências para as atividades académicas.⁹

Existem na literatura vários estudos a estabelecer ligação entre o consumo de bebidas alcoólicas e parâmetros que habitualmente se associam ao insucesso escolar. Segundo estes os alunos que apresentam maior frequência de consumos elevados tem mais tendência a faltar as aulas e a negligenciar os seus trabalhos escolares,¹⁰ existe uma relação negativa entre o consumo episódico pesado de bebidas e o tempo dedicado

aos estudos,¹¹ e os bebedores mais pesados apresentam mais frequentemente as piores notas.¹²

Tem sido descrita uma grande variedade de fatores condicionantes do consumo de álcool e outras substâncias nos adolescentes, nomeadamente fatores de ordem socioeconómico, familiar, relacionados com o meio social envolvente, com as expectativas face ao consumo, competências sociais e pessoais e ainda fatores a nível psicológico.

Segundo o *European School Survey on Alcohol and other Drugs* (ESPAD) de 2011 as prevalências de consumo de álcool dos alunos de 16 anos em Portugal encontram-se ligeiramente abaixo da média europeia, no entanto, desde 2007 que se tem verificado no nosso país um aumento nos consumos excessivos, com mais alunos a beber com maior frequência e quantidade de bebida, sendo esta de maior teor alcoólico, nomeadamente cada vez mais bebidas destiladas.¹⁴ Já os resultados do Inquérito Nacional em Meio Escolar de 2011 indicam que 93% dos alunos do secundário já terão consumido álcool, e que 68% o terá feito nos últimos 30 dias, registando-se um aumento destas prevalências desde 2001.¹⁵

Segundo Feijão F. nota-se claramente que os principais locais de consumo excessivo de álcool pelos adolescentes em Portugal são as discotecas e os bares. Sendo que o generalizado agravamento dos padrões de consumo de álcool, entre os alunos mais velhos sugerem a associação às saídas à noite com os/as amigos/as a este tipo de locais.¹⁶ A maior acessibilidade a locais de diversão noturna por parte dos adolescentes dos grandes centros urbanos é dada como justificação para apresentarem níveis médios de consumo superiores aos de zonas mais rurais num estudo realizado em Portugal por Mendes & Lopes em 2007.¹⁷ No entanto estudos realizados nos Estados Unidos e Dinamarca verificaram que os jovens do meio rural apresentam valores mais altos relativamente ao consumo de álcool.¹⁸⁻¹⁹

O consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes é portanto reconhecido internacionalmente, como um fenómeno com dimensões de problema de saúde pública, sendo essencial o desenvolvimento de estratégias e programas preventivos nomeadamente nas escolas já que é o local onde o adolescente passa a maior parte do seu tempo, sendo este um ambiente privilegiado para a realização de ações que promovam a saúde.² No entanto para que estas intervenções serem eficazes, têm que ser baseadas na evidência científica e aferidas para o contexto a que destinam.¹³

Melgaço é o município mais setentrional de Portugal, localizado no Alto Minho, zona geograficamente correspondente à sub-região Minho-Lima e ao distrito de Viana do Castelo. Tem como estandarte do seu património uma forte tradição de produção vinícola, o que poderá sugerir uma maior permissividade cultural face ao consumo de este grupo de substâncias. Não existindo no entanto estudos que abordem o consumo de

bebidas alcoólicas nomeadamente por parte de adolescentes neste concelho, surge o presente trabalho numa perspetiva de colmatar a escassez de informação sobre este fenómeno, na esperança de que os resultados obtidos possam posteriormente ser utilizados no debate sobre a importância desta temática e no desenvolvimento de programas de prevenção adequados a esta realidade em particular.

Assim sendo o presente estudo tem como objetivos concretos caracterizar o consumo de álcool entre os adolescentes de meio escolar do concelho de Melgaço a nível das prevalências de consumo, tipos de bebidas, contextos e motivações, assim como averiguar se o seu grau de envolvimento com o álcool apresenta relação com o género, a idade, ano de escolaridade, local de residência (centro ou periferia), o nível de escolaridade dos pais (como indicador do nível socioeconómico), e o insucesso escolar, com vista a identificação de grupos/fatores de risco.

Materiais e Métodos

- A amostra deste estudo observacional, transversal, atual e retrospectivo foi constituída pelos adolescentes a frequentar o 9º, 10º, 11º e 12º ano na Escola E. B. 2,3/S de Melgaço durante o ano letivo de 2012/2013.

Foram excluídos os alunos que não apresentaram autorização por parte dos encarregados de educação para a sua participação no estudo (n=24), e os que preencheram indevidamente o instrumento de colheita de dados (n=3).

Foram incluídas todas as turmas dos anos em questão fazendo uma amostra total de 147 adolescentes.

- O instrumento de colheita de dados utilizado neste estudo (ANEXO 1) foi composto por:

- Nota introdutória clarificando o âmbito e objetivo do estudo, as instruções de preenchimento e garantia de confidencialidade
- Colheita de dados sociodemográficos – idade, sexo, ano de escolaridade, freguesia de residência e escolaridade dos pais.
- Questões individuais para avaliar os contextos de consumo (abrangendo nas opções os mais referidos pela literatura), a frequência em cafés e bares/discotecas), havendo ainda uma pergunta para averiguar se o adolescente terá alguma vez reprovado de ano desde o ensino primário (reposta sim/não)
- Escala de Envolvimento com álcool para Adolescentes (AAIS)

A AAIS é uma escala de auto-avaliação elaborada por Mayer e Filsted em 1979,²⁰ e aferida para a população portuguesa por Barrias et al. em 1984,²¹ e por Fonte et al em 1999,²² sendo esta última versão a usada neste estudo. Esta baseia-se na existência de relações funcionais entre as várias categorias do funcionamento, com o objetivo de quantificar o que foi denominado por Mayer e Filstead como grau de envolvimento dos adolescentes com o álcool. Destina-se portanto à identificação da situação de abuso de álcool, conceptualizada em função da interferência das bebidas alcoólicas numa ou mais áreas do funcionamento do indivíduo: estado psicológico, relações sociais e vida familiar. A escala é composta por 14 questões de escolha múltipla, cuja pontuação varia de 0 a 78, sendo uma resposta a = 1 (exceto nas questões 1, 2, 6, 12, 13, e 14 onde a = 0), b = 2, c = 3, até h = 8. Sempre que uma pergunta não for respondida pontua-se com 0 e quando existe mais do que uma resposta seleciona-se a de maior pontuação. Apresenta ainda, um conjunto de questões com capacidade para revelar respostas incongruentes, aumentando a grau de precisão e sinceridade. Os itens versam questões como: frequência, data da última bebida alcoólica, horas do dia em que costuma beber, quantidade, tipos de companhia, efeitos produzidos pelo álcool, opinião do próprio e dos outros sobre si mesmo.

É proposta pelos autores a divisão dos inquiridos em 5 categorias: 0 pontos - abstinentes; 1 a 19 pontos - bebedores irregulares; 20 a 41 pontos - bebedores habituais sem problemas; 42 a 57 pontos - bebedores habituais com problemas e 58 a 74 pontos - *alcoholic like*.²⁰⁻²²

No estudo realizado por Fonte e Alves em 1999 para a sua validação, a AAIS apresentou valores de fiabilidade muito elevados: coeficiente alfa de *Cronbach* de 0,887; coeficiente de *Spearman-Brown* de 0,873 e na fórmula de *Guttman* 0,839. Para além de que os itens que a compõem têm um elevado índice de discriminação, superior a 0,71 (exceto o item 14 que apresenta uma correlação $r = 0,43$).²²

Procedeu-se a uma única alteração neste questionário, nomeadamente na opção de resposta “d)” da questão 4. (ver ANEXO1) relativa ao tipo de bebida consumida (“que bebida(s) costuma beber?”). Esta foi alterada de “Bagaço, Brandy, whisky ou licores” para “Vodka, Whisky, Rum, shots ou licores”. Após revisão de estudos recentes realizados em Portugal sobre o consumo de álcool em adolescentes²³ e de entrevista com gerentes e funcionários dos bares e de alguns cafés de Melgaço, concluiu-se que dentro da categoria de bebidas destiladas, a Vodka, o Rum e os “shots” são dos tipos de bebidas mais

consumidas por este grupo etário, não fazendo sentido não estarem contempladas no questionário. Sendo assim estas foram adicionadas à opção que contemplava bebidas com características mais semelhantes como o whisky por exemplo, que apresenta teor alcoólico semelhante e parece estar associado ao mesmo tipo de contextos. Por outro lado o Bagaço e o Brandy, foram retirados da alínea em questão de forma a esta não se tornar excessivamente longa e tendo em conta que foi considerado que apresentavam pouca importância junto da faixa etária em estudo quando comparadas com as restantes bebidas contempladas.

- Para a realização deste estudo, foi formulado um pedido à Diretoria do Agrupamento de Escolas de Melgaço para recolha da amostra, onde se dava a conhecer o objetivo deste. Depois de obtida esta permissão, foi fornecido um consentimento informado aos encarregados de educação dos alunos, onde se pedia autorização para a participação dos seus educandos no estudo (ANEXO 2).

A aplicação dos questionários foi levada a cabo pelos professores, diretores de cada turma em questão durante o período de aulas, sendo previamente reforçado o esclarecimento aos alunos sobre a confidencialidade e anonimato assim como objetivo do mesmo e o carácter voluntário da colaboração neste. Este processo decorreu de Março a Maio de 2013.

- A variável local de residência foi agrupada em duas zonas designadas neste estudo por: centro e periferia. Apesar de Melgaço ser um concelho rural esta divisão teve como objetivo criar um grupo com as freguesias com características mais urbanas e outro com características marcadamente mais rurais, tendo-se tido em conta a sua densidade populacional e proximidade à sede de concelho. Assim sendo a zona centro corresponde à sede de conselho (vila de Melgaço) e a duas das três freguesias circundantes (Prado e Roussas). Apesar da freguesia de Chaviães também ser fronteira da sede de concelho, esta apresenta uma densidade populacional baixa quando comparada com as freguesias mencionadas anteriormente, não tendo sido incluída neste grupo. A periferia corresponde portanto às restantes 15 freguesias do concelho.

- A análise estatística dos dados foi levada a cabo através do *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 20. A apresentação dos resultados foi feita na sua maioria sobre a forma de frequências absolutas e relativas de modo a caracterizar a amostra. Os testes estatísticos usados para avaliar a significância estatística das diferenças entre os grupos definidos foram o teste de *Kruskal-Wallis*, teste não paramétrico adequado à comparação de médias entre três ou mais grupos

independentes, o teste *Mann-Whitney*, semelhante ao anterior mas mais adequado à comparação de dois grupo e ainda o teste de Qui-Quadrado.

Resultados

Tabela I – Caraterização da Amostra

		Masculino	Feminino	Total
Idade	13	1 (1,4)	0 (0,0)	1 (0,7)
	14	12 (17,1)	8 (10,4)	20 (13,6)
	15	19 (27,1)	21 (27,3)	40 (27,2)
	16	13 (18,6)	13 (16,9)	26 (17,7)
	17	16 (22,9)	23 (29,9)	39 (26,5)
	18	7 (10,0)	8 (10,4)	15 (10,2)
	19	2 (2,9)	4 (5,2)	6 (4,1)
	Grupos etários	13-15	32 (45,7)	29 (37,7)
16-19		38 (54,3)	48 (62,3)	86 (58,5)
Ano de escolaridade	9º	23 (32,9)	15 (19,5)	38 (25,9)
	10º/11º	31 (44,3)	38 (49,4)	69 (46,9)
	12º	16 (22,9)	24 (31,2)	40 (27,2)
Residência	Urbana/ intermédia	25 (35,7)	38 (49,4)	63 (42,9)
	Rural	45 (64,3)	39 (50,6)	84 (57,1)
Escolaridade dos pais	Nenhum	3 (4,3)	2 (2,6)	5 (3,4)
	Primário	5 (7,1)	11 (14,3)	16 (10,9)
	2º ou 3º ciclo	28 (40,0)	25 (32,5)	53 (36,1)
	Secundário	15 (21,4)	24 (31,2)	39 (26,5)
	Profissional	4 (5,7)	3 (3,9)	7 (4,8)
	Superior	15 (21,4)	12 (15,6)	27 (18,4)
Reprovação	Sim	19 (27,1)	10 (13,0)	29 (19,7)
	Não	51 (72,9)	67 (87,0)	118 (80,3)
Total		70 (47,6)	77 (52,4)	147

A amostra foi composta por 147 adolescentes dos 13 aos 19 anos a frequentar entre o 9º e o 12º de escolaridade, sendo a média de idades 16,03 anos e o desvio padrão 1,39. Destes, 61 (41,5%) encontram-se entre os 13 e os 15 anos de idade e 86 (58,5%) entre os 16 e os 19 anos. Em relação ao género, 70 indivíduos (47,6%) são do sexo masculino e 77 (52,4%) do sexo feminino. Há 63 adolescentes a residir no “centro” (42,9%) e 84 na “periferia” (57,1%). Do total apenas 29 (19,7%) terá reprovado de ano alguma vez desde o final do ensino primário. Em relação à escolaridade do progenitor mais graduado verifica-se que para 50,4% dos adolescentes esta se encontra abaixo do 9º ano, para 31,3% entre o ensino secundário completo ou profissional, e para 18,4% corresponde ao ensino superior.

Dos 147 adolescentes da amostra, 81% (n=119) já terão consumido álcool em alguma ocasião na sua vida, 87,4% dos quais o terão feito no último ano. Apesar de haver 53,1% com pelo menos um consumo de álcool mensal, apenas 11,6% afirmam consumir todos os fins-de-semana sendo que nenhum o faz diariamente. Para os alunos a frequentar o ensino secundário em particular a percentagem dos que já consumiram álcool é de 82,6%, e para os do 9º anos de 76,3%.

Em relação à idade de início de consumo o intervalo entre os 14 e 15 anos foi o mais referido (28,8%) na amostra total, seguido do intervalo dos 10 aos 13 anos (23,3%), e havendo ainda 7 adolescentes a começar o consumo antes dos 10 anos (4,8%). O início de consumo depois dos 15 anos terá se registado para 21% dos adolescentes.

Quando questionados sobre as suas motivações para o consumo, os 119 adolescentes que já consumiram álcool referiram na sua maioria que o faziam habitualmente “para acompanhar os amigos” (46,2%) e por gostar do paladar (50%), sendo que apenas quatro adolescentes responderam à opção “porque me sinto nervoso, tenso, cheio de aborrecimentos ou problemas”. Verificou-se ainda neste grupo que a maioria costuma beber à noite (79%), havendo apenas 12% a fazê-lo durante as refeições.

Em relação às atividades de lazer dos adolescentes verificou-se que ao fim de semana 62,6% costuma frequentar (“as vezes” e “frequentemente”) cafés e 49% locais de diversão noturna como bares e discotecas. De segunda a sexta-feira estas percentagens são mais baixas para ambos os contextos (cafés 44,9% e bares/discotecas 12,2%), mas mantendo se sempre a frequência em cafés como uma atividade mais comum.

Tabela II – Envolvimento com o álcool

		Média	Σ	Valor-p *
Sexo	Masculino	26,11	13,47	0,321
	Feminino	23,86	13,93	
Grupos etários	13-15	20,48	14,29	<0,001
	16-19	28,09	12,43	
Ano de escolaridade	9º	21,21	14,01	0,001
	10 - 11º	23,86	14,47	
	12º	30,33	10,37	
Residência	Urbana/intermédia	25,33	14,37	0,520
	Rural	24,63	13,28	
Escolaridade pais (6 grupos)	Nenhum	25,80		0,288
	Primário	26,94		
	2º ou 3º ciclo	21,64		
	Secundário	25,62		
	Profissional	31,00		
	Superior	27,48		
Escolaridade pais (3 grupos)	Até 9º ano	23,07	14,03	0,219
	Secundário/profissional	26,43	14,06	
	Superior	27,48	11,87	
Escolaridade pais (2 grupos)	Até 9º ano	23,07	14,03	0,082
	Mais que 9º ano	26,82	13,21	
Reprovação	Sim	24,59	14,71	0,972
	Não	25,02	13,52	
Café à semana	Nunca	20,96	13,77	0,028
	Raramente	25,08	13,10	
	Às vezes	24,21	14,60	
	Frequentemente	30,78	12,07	
Café ao fim-de-semana	Nunca	20,65	15,28	0,037
	Raramente	21,57	14,90	
	Às vezes	25,70	12,62	
	Frequentemente	28,94	12,50	
Bares à semana	Nunca	22,25	14,22	0,007
	Raramente	28,61	12,30	
	Às vezes	27,08	10,97	
	Frequentemente	38,20	7,66	
Bares ao fim-de-semana	Nunca	13,90	13,67	<0,001
	Raramente	23,60	13,69	

Às vezes	29,93	9,41	
Frequentemente	36,59	6,58	

Foram comparados os níveis de envolvimento com o álcool dos adolescentes entre os diferentes grupos etários, anos de escolaridade, grupos de escolaridade dos pais, locais de residência, entre os adolescentes com diferentes frequências em bares/discotecas e cafés e ainda entre o grupo de alunos que já reprovou pelo menos uma vez de ano e os restantes, sendo os resultados apresentados na **Tabela II**. Isto de forma a averiguar a existência de diferenças estatisticamente significativas que sustentem uma ligação entre estas variáveis e o grau de envolvimento com o álcool nos adolescentes.

Foram identificadas diferenças estatisticamente significativas face ao grau de envolvimento com o álcool entre os diferentes grupos etários ($p > 0,001$), anos de escolaridade ($p > 0,001$), e entre as diferentes frequências tanto em cafés (durante a semana, $p = 0,026$; ao fim de semana, $p = 0,048$) como em locais de diversão noturna (durante a semana, $p = 0,004$; ao fim de semana, $p > 0,001$). Sendo que os adolescentes mais velhos (dos 16 aos 19 anos) apresentam valores médios superiores de envolvimento com o álcool ($M=28,48$) em relação aos mais novos ($M=20,48$). Verificando-se também um aumento destes valores ao longo dos anos de escolaridade, já que os alunos a frequentar o 9º ano apresentam uma média de 21,21 de grau de envolvimento com o álcool, que aumenta por sua vez para o grupo de alunos do 10º e 11º ano ($M=23,85$) e só atinge os valores mais elevados no 12º ano ($M=30,33$). Em relação às atividades de lazer verifica-se que quanto mais os adolescentes frequentam cafés e bares e discotecas, maiores se revelam os níveis de envolvimento com o álcool sendo que a média destes é consideravelmente superior para o grupo de indivíduos que frequenta mais regularmente estes contextos de lazer (“às vezes” e “frequentemente”), quando comparada com os que nunca o fazem. Apesar de a relação se verificar sempre, é na frequência em bares/discotecas ao fim-de-semana que as diferenças são mais evidentes e onde a média de consumo dos indivíduos que responderam “nunca” é mais baixa (13,90). Já a média de consumo mais elevada é apresentada pelo grupo de adolescentes que mais regularmente frequenta Bares/discotecas de segunda a sexta-feira.

Não se verificou uma relação estatisticamente significativa entre o grau de envolvimento com o álcool e as variáveis, género, grau de escolaridade dos pais e insucesso escolar. Há no entanto que referir que os níveis médios de envolvimento com o álcool nos rapazes ($M=26,11$) são ligeiramente superiores ao das raparigas ($M=23,86$).

Tabela III – Categorias de consumo

		Abstinente	Irregular	Regular sem problemas	Regular com problemas	total	Valor-p
Sexo	Masculino	11 (15,7)	4 (5,7)	51 (72,9)	4 (5,7)	70	0,471
	Feminino	17 (22,1)	2 (2,6)	56 (72,7)	2 (2,6)	77	
	Total	28	6	107	6	147	
Idade	13-15	17 (27,9)	3 (4,9)	39 (63,9)	2 (3,3)	61	0,126
	16-19	11 (12,8)	3 (3,5)	68 (79,1)	4 (4,7)	86	
	Total	28	6	107	6	147	
Residência	Urbana/intermédia	13 (20,6)	2 (3,2)	44 (69,8)	4 (6,3)	63	0,596
	Rural	15 (17,9)	4 (4,8)	63 (75,0)	2 (2,4)	84	
	Total	28	6	107	6	147	
Reprovação	Não	22 (19,6)	5 (4,2)	87 (73,7)	4 (3,4)	118	0,835
	Sim	6 (20,7)	1 (3,4)	20 (69,0)	2 (6,9)	29	
	Total	28	6	107	6	147	
Frequências de bares/discotecas ao fim-de-semana	Nunca	18 (46,2)	1 (2,6)	20 (51,3)	0 (0,0)	39	<0,001*
	Raramente	7 (20,0)	4 (11,4)	23 (65,7)	1 (2,9)	35	
	Às vezes	3 (5,5)	1 (1,8)	49 (89,1)	2 (3,6)	55	
	Frequentemente	0 (0,0)	0 (0,0)	14 (82,4)	3 (17,6)	17	
	Total	28	6	107	6	146‡	

* O qui-quadrado carece de valor estatístico pelo facto de $\geq 25\%$ das células terem um número de casos expectáveis < 5
‡ n=146 (1 missing value).

Na Tabela III apresentamos a distribuição dos diferentes géneros, grupos de idade e residência, reprovações, e frequência em locais de diversão noturna durante o fim de semana, pelas categorias de consumo de álcool. Não foi incluída na tabela a categoria de “*alcoholic like*” já que não foi registado nenhum adolescente com pontuação superior a 49.

Não se pode considerar como estatisticamente significativas as diferenças registadas entre os grupos de frequências em bares/discotecas ao fim de semana face a distribuição por categorias de consumo. No entanto é importante referir que o grupo de indivíduos que mais frequenta este tipo de locais (“frequentemente”) é o que apresentam uma maior percentagem de elementos na categoria de “bebedor regular com problemas” (17,6%), não existindo ainda neste grupo indivíduos na categoria de “abstinente” ou “bebedor irregular”, mas apenas nas de “bebedor regulares sem problemas” (82,4%) e “bebedor irregular”. Entre os grupos de frequência intermédios é de realçar o grande

aumento de indivíduos na categoria de “bebedor regular sem problemas” do grupo que frequenta bares “raramente” (n=23, 65,7%) para o de indivíduos desta categoria no grupo que frequenta estes mesmo locais “às vezes” (n=49, 89,1%). Relativamente ao grupo de indivíduos que referem nunca frequentar locais de diversão noturna ao fim de semana verifica-se que é este que apresenta uma maior percentagem de indivíduos na categoria de “abstinente” (46,2%) sendo também o único sem elementos na categoria de “bebedor regular com problemas”.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os géneros (p=0,471) grupos de idade (p= 0,126) locais de residência (p=0,596) e reprovações (0,835) face ao consumo de álcool por categorias. No entanto é importante referir que no que toca aos géneros, há uma maior percentagem de indivíduos do sexo feminino na categoria de “abstinente” (22,1%) em comparação com o sexo masculino (15,7%). Por outro lado são os indivíduos do sexo masculino que apresentam maiores percentagens nas categorias de “bebedor irregular” (5,7%) e “bebedor regular com problemas” (5,7%) em comparação com o sexo feminino (2,6% nas em ambas categorias).

Em relação aos grupos de idade há uma maior percentagem de abstinentes nos indivíduos dos 13 aos 15 anos (27,9%) em comparação com os que se encontram entre os 16 e os 19 anos de idade (12,8%). Por outro lado é nos adolescentes mais velhos que se encontra uma maior percentagem de indivíduos na categoria de “bebedor regular sem problemas” (79,1%) relativamente aos mais novos (63,9%), o mesmo se verifica para a categoria de “bebedor regular com problemas” à qual pertencem uma maior percentagem de indivíduos mais velhos (4,7%) em comparação com os mais novos (3,3%). Relativamente à zona de residência é de realçar o facto de existirem na periferia uma maior percentagem de indivíduos na categoria de “bebedor regular sem problemas” (75%) comparado com o centro (69,8%), sendo que esta relação se inverte na categoria de “bebedor regular com problemas” já que há uma maior percentagem de indivíduos a pertencer a esta categoria no centro (6,3%) do que na periferia (2,4%).(TABELA) Não foi incluída na tabela a distribuição dos adolescentes por categoria de consumo consoante o ano de escolaridade por esta se tornar demasiado descritiva no entanto é importante referir que dos alunos do 9º ano 71,1% são bebedores regulares (com ou sem manifestação de problemas).

Tabela IV – Contextos de consumo (sem abstinentes n=119)

		Sexo masculino	Sexo feminino	Freguesia urbana/int	Freguesia rural	Idade 13-15	Idade 16-19	Total
Casa, à escondida dos pais	Não	59 (100,0)	60 (100,0)	50 (100,0)	69 (100,0)	44 (100,0)	75 (100,0)	119 (100,0)
	Sim	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)
Em casa frente aos pais	Não	36 (61,0)	41 (68,3)	34 (68,0)	43 (62,3)	18 (40,9)	59 (78,7)	77 (64,7)
	Sim	23 (39,0)	19 (31,7)	16 (32,0)	26 (37,7)	26 (59,1)	16 (21,3)	42 (35,3)
Em casa de amigos	Não	55 (93,2)	54 (90,0)	45 (90,0)	64 (92,8)	39 (88,6)	70 (93,3)	109 (91,6)
	Sim	4 (6,8)	6 (10,0)	5 (10,0)	5 (7,2)	5 (11,4)	5 (6,7)	10 (8,4)
Na escola	Não	59 (100,0)	60 (100,0)	50 (100,0)	69 (100,0)	44 (100,0)	75 (100,0)	119 (100,0)
	Sim	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)
Na rua	Não	58 (98,3)	57 (95,0)	47 (94,0)	68 (98,6)	43 (97,7)	72 (96,0)	115 (96,6)
	Sim	1 (1,7)	3 (5,0)	3 (6,0)	1 (1,4)	1 (2,3)	3 (4,0)	4 (3,4)
Num café	Não	44 (74,6)	48 (80,0)	42 (84,0)	50 (72,5)	41 (93,2)	51 (68,0)	92 (77,3)
	Sim	15 (25,4)	12 (20,0)	8 (16,0)	19 (27,5)	3 (6,8)	24 (32,0)	27 (22,7)
Em bares/discotecas	Não	22 (37,3)	16 (26,7)	12 (24,0)	26 (37,7)	22 (50,0)	16 (21,3)	38 (31,9)
	Sim	37 (62,7)	44 (73,3)	38 (76,0)	43 (62,3)	22 (50,0)	59 (78,7)	81 (68,1)

Tabela V – Teste Qui-Quadrado (contextos de consumo)

	Sexo	Freguesia	Idade
Em casa, à escondida dos pais	*	*	*
Em casa frente aos pais	0,260	0,564	<0,001
Em casa de amigos	0,382	0,741	0,496
Na escola	*	*	*
Na rua	0,619	0,308	1,000
Num café	0,518	0,184	0,001
Em bares/discotecas	0,242	0,163	0,001

* Impossível calcular o qui-quadrado pelo facto de todos os inquiridos terem assinalados a mesma opção

Considerando os indivíduos não abstinente da amostra verifica-se que o contexto de consumo de álcool habitual mais referido são os bares e discotecas (68,1%), seguido do consumo em casa em frente aos pais (35,5%) e seguidamente dos cafés (27,7%). Os contextos menos usados para o consumo de álcool são a casa dos amigos (8,4%) e a rua (3,4%), sendo que nenhum adolescente refere consumir álcool quer na escola, quer em casa à escondida dos pais.

Não se encontraram diferenças estatisticamente significativas ao comparar os contextos de consumo de álcool habituais entre os diferentes locais de residência e géneros, sendo também que a hierarquia de prevalências referida para o total da amostra de consumidores não é alterada para estas variáveis. No entanto é importante referir que há uma percentagem inferior de raparigas a consumir álcool em casa em frente aos pais (31,7%) relativamente aos rapazes (39%), verificando-se por outro lado que há uma maior percentagem destas a referir os bares e discotecas como local de consumo habitual (73,3%), em comparação com o sexo masculino (62,7%). Em relação ao local de residência verificou-se que há uma maior percentagem de adolescentes da “periferia” a consumir habitualmente álcool no café (27,5%) e em casa em frente aos pais (37,7%) relativamente aos adolescentes do “centro” (16% e 32 % respetivamente). Por outro lado há uma maior percentagem de adolescentes do “centro” a referir os locais de diversão noturna como local de consumo habitual (62,3%) em comparação com os da “periferia”(62,3%).

No que toca aos grupos etários verifica-se que há diferenças estatisticamente significativas entre estes face aos contextos de consumo habitual nomeadamente nos bares/discotecas ($p=0,001$), cafés ($p=0,001$) e em casa em frente aos pais ($p<0,001$). Assim enquanto os contextos de consumo mais habituais dos adolescentes entre os 16 e 19 anos são os bares/discotecas (78,7%) e o café (32%) seguidos das suas casas (em frente aos pais, 21,3%), o grupo de adolescentes entre os 13 e 15 anos apresenta uma maior percentagem de indivíduos a consumir álcool em casa em frente aos pais (59,1%) e menor em bares/discotecas (50%) ou cafés (6,8%).

Em relação ao tipo de bebidas consumidas constatou-se que há uma maior percentagem de indivíduos a consumir bebidas destiladas (72%), seguindo-se a cerveja (30,3%), e finalmente o vinho (16,8%). Nota-se que apesar de variações nas proporções, esta hierarquia de preferência se mantém para os dois sexos e para os diferentes grupos de idade e de local de residência (tabela). No entanto registaram-se diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e feminino ($p=0,002$) e entre os grupos de idade ($p=0,056$) face ao consumo de bebidas destiladas, sendo que há uma percentagem consideravelmente superior de raparigas a consumir bebidas destiladas

(85%) relativamente ao que se encontra nos rapazes (59%), enquanto que relativamente à cerveja ocorre o oposto (37,3% sexo masculino, 23,3% sexo feminino).

Tabela VI – Tipos de bebidas (sem considerar os abstinentes, n=119)

		Sexo masculino	Sexo feminino	Freguesia urbana/int	Freguesia rural	Idade 13-15	Idade 16-19	Total
Vinho	Não	48 (81,4)	51 (85,0)	44 (88,0)	55 (79,7)	36 (81,8)	63 (84,0)	99 (83,2)
	Sim	11 (18,6)	9 (15,0)	6 (12,0)	14 (20,3)	8 (18,2)	12 (16,0)	20 (16,8)
Cerveja	Não	37 (62,7)	46 (76,7)	32 (64,0)	51 (73,9)	26 (59,1)	57 (76,0)	83 (69,7)
	Sim	22 (37,3)	14 (23,3)	18 (36,0)	18 (26,1)	18 (40,9)	18 (24,0)	36 (30,3)
Destiladas	Não	24 (40,7)	9 (15,0)	12 (24,0)	21 (30,4)	17 (38,6)	16 (21,3)	33 (27,7)
	Sim	35 (59,3)	51 (85,0)	38 (76,0)	48 (69,6)	27 (61,4)	59 (78,7)	86 (72,3)

Tabela VII – Teste Qui-Quadrado (tipos de bebidas)

	Sexo	Freguesia	Idade
Vinho	0,632	0,322	0,802
Cerveja	0,113	0,313	0,064
Destiladas	0,002	0,535	0,056

Entre os grupos de idade, as diferenças não foram significativas havendo no entanto uma maior percentagem de indivíduos mais velhos a consumir bebidas destiladas (78,7) em comparação com os mais novos (61,4%), que por sua vez apresentam uma maior percentagem de consumidores de cerveja (40,9%) em comparação com os mais velhos (24%). Apesar de não se terem verificado diferenças estatisticamente significativas entre os locais de residência constata-se que há na “periferia” uma maior percentagem de consumidores de vinho (20,3%) e menor de cerveja (26,1%) e bebidas destiladas (69,9%) em comparação com o “centro” (12%, 36%, e 76% respetivamente).

Discussão

Após descrição dos consumos de álcool nos adolescentes de Melgaço, tem importância que estes sejam discutidos à luz de outros trabalhos realizados, de forma a enquadrá-los no contexto nomeadamente nacional e perceber até que ponto estes merecerão atenção por parte das entidades competentes. Neste sentido verifica-se que a percentagem de indivíduos do ensino secundário que já consumiu bebidas alcoólicas neste estudo (82,6%), está abaixo dos resultados obtidos para os mesmos anos de escolaridade no Inquérito Nacional em Meio Escolar de 2011 (93%).¹⁵ Num estudo realizado por Réis et al (2011) em escolas do distrito de Bragança com uma amostra de 1061 adolescentes entre os 13 e os 19 anos e que usou a AAIS como instrumento de colheita de dados, verificou-se que 89,8% destes já tinham experimentado bebidas alcoólicas, dos quais 96,4% no último ano, apresentando 69,5% dos jovens pelo menos um consumo mensal, e 2% consumo diário.²⁴ Todos estes valores são superiores ao registado para o total da amostra do presente estudo, sendo que na divisão por categorias de consumo segundo o grau de envolvimento com o álcool Reis et al também regista uma maior percentagem de bebedores regulares com problemas (18,4%) e até adolescentes na categoria de *alcoholic like* (1,7%).

Usando também a AAIS, Mendes & Lopes (2007) levaram a cabo um estudo com 272 adolescentes entre os 12 e os 19 anos a frequentar escolas da zona da grande Lisboa e da Beira Interior.¹⁷ Os valores médios de envolvimento com o álcool registados pelos adolescentes das duas regiões (28.67 e 26.06 respetivamente) foram superiores aos do total da amostra no presente estudo (24.93), sendo que também comparativamente a este em todas as escolas houve uma menor percentagem de adolescentes abstinentes (entre 6.5% e 17%) e maior de adolescentes na categoria de “bebedor habitual com problemas” (entre 5.8% e 11.3%) .

Em relação à idade de início de consumo de álcool dos adolescentes da amostra verificou-se estar de acordo com o referido na bibliografia⁶, sendo que o facto de metade destes terem bebido pela primeira vez entre os 10 e os 15 anos se torna um dado importante para estabelecer a idade alvo a nível da implementação de programas de prevenção. É no entanto preocupante verificar que 7 destes adolescentes terão iniciado o seu consumo antes dos 10 anos, o que talvez mereça atenção no sentido de averiguar justificações para este início precoce, já que a tendência é de que quanto mais precoce o início do consumo maior o risco de consumo abusivo e de outros problemas relacionados com o álcool.²⁵⁻²⁷

Em relação às diferenças entre géneros, estas só se verificaram estatisticamente significativas em relação ao tipo de bebida habitualmente consumida. No entanto os

indivíduos do sexo masculino apresentam níveis médios de envolvimento com o álcool superiores e menos elementos na categoria de abstinente, sendo estas pequenas diferenças são muito semelhantes às verificadas no estudo de Mendes & Lopes (2007).¹⁷ Apesar de se verificar em vários estudos que o nível médio de consumo de álcool por parte dos rapazes se mantém superior ao das raparigas até ao final da adolescência²⁸⁻³⁰, segundo dados do European Survey 2011 esta diferença de consumo entre géneros tem vindo a diminuir no geral a nível europeu desde 1995¹⁴, sendo que já no ano 2000 Ledoux et al descreve esta tendência.³¹ Tanto no estudo realizado por Fonte & Alves em 1999 como no realizado por Barrias et al em 1989 com adolescentes do distrito de Viana do Castelo se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os géneros, registando-se em ambos uma diferença aproximada de 9 pontos na média da pontuação geral da AAIS entre o sexo masculino e feminino, enquanto no presente estudo esta diferença foi de aproximadamente 2 pontos. Os resultados obtidos nesta amostra poderão estar a evidenciar esta tendência de homogeneização de consumos entre géneros nos adolescentes.

A maior percentagem de raparigas a consumir bebidas destiladas registada neste estudo, esta de acordo com os resultados de Mendes & Lopes¹⁷, sendo que Teixeira, A. refere que as bebidas destiladas são as mais populares entre as adolescentes do sexo feminino na região de Trás-os-Montes.¹⁷ Segundo dados do ESPAD 2011 este é o tipo de bebida mais consumida por raparigas em metade dos países participantes.¹⁴ A importância deste achado passa pelo facto de este tipo de bebidas terem normalmente um teor alcoólico superior ao das bebidas fermentadas como o vinho e a cerveja sendo potencialmente mais nocivas. Fazendo referência agora ao total da amostra, verifica-se uma preferência dos adolescentes pelas bebidas destiladas e pela cerveja, em comparação com o vinho. Esta tendência para os adolescentes negligenciarem o vinho apesar de inseridos numa cultura com tradição de consumo e produção do mesmo como no presente caso, estará relacionada à importação dos modelos de consumo anglossaxónicos ou nórdicos desde os anos 90 e com o processo de globalização.³²⁻³³

Os resultados obtidos também se encontram de acordo com os de Mendes & Lopes ao não evidenciarem diferenças significativas nos níveis de consumo de álcool entre os alunos que já reprovaram alguma vez de ano e os que obtiveram sempre aprovação.¹⁷ No entanto esta informação é pouco conclusiva no sentido de averiguar até que ponto o consumo de álcool terá efeito no insucesso escolar do adolescente ou vice-versa já que esta é uma variável complexa que irá para além do facto de se obter aprovação num ano ao longo do percurso académico, sendo que Crosnoe, R. defende a importância de outros parâmetros como a indisciplina na sala de aula e no exterior, a fraca motivação para aprender, o absentismo e o abandono escolar.³⁴ Não tendo sido

objetivo deste estudo dissecar pormenorizadamente esta interação, é importante reter que não parece haver nesta população uma relação direta entre o consumo de álcool e a reprovação em anos escolares, não se conseguindo identificar grupos/fatores de risco neste sentido.

Um dos resultados mais relevantes deste estudo prende-se com descrição de uma associação sustentada entre a frequência por parte dos adolescentes em locais de lazer com venda de bebidas alcoólicas, nomeadamente em cafés e bares/discotecas e o comportamento de consumo destas. Neste sentido para além de estes terem sido referidos como os contextos mais habituais de consumo por parte dos adolescentes no geral, verificou-se ainda um aumento estatisticamente significativo do nível de envolvimento com álcool a par do aumento da frequência nestes locais, especialmente nos bares/discotecas. O frequentar destes espaços é para os adolescentes uma maneira de ocupar o seu tempo livre e de lazer onde podem praticar livremente atividades diferentes das realizadas durante a semana que são normalmente de caráter obrigatório e estruturadas por horários e regras. Daí a maior associação temporal ao fim de semana como verificado neste e noutros estudos.^{23,35} Segundo Simões, R. é neste tipo de contextos onde o adolescente se encontra normalmente longe da presença do poder paternal que este mais consome bebidas alcoólicas, por iniciativa própria, ou por influência do grupo de pares do qual o adolescente se faz acompanhar, ou mesmo por ser um padrão de referência dentro destes.³⁶ A influência do grupo de pares como fator importante de consumo também é sugerida pelos resultados deste estudo já que 46,2% dos consumidores referiram o “acompanhar os amigos” como motivação principal do consumo. Ainda sobre os cafés e os bares/discotecas, registaram-se neste estudo diferenças a nível dos grupos etários aquando de os referir como contextos de consumo habitual de álcool. À partida a explicação desta tendência estará relacionada com o facto de ser ilegal a venda de bebidas alcoólicas em qualquer estabelecimento a indivíduos com menos de 16 anos,³⁷ e até devido ao limite de idade mínima de entrada em alguns destes locais, no entanto, tendo em conta que metade dos adolescentes consumidores de álcool entre os 13 e os 15 anos referiu as discotecas/bares como local onde costuma consumir álcool, é no mínimo levantada a suspeita de a lei nem sempre ser respeitada a este nível nestes estabelecimentos. No entanto o contexto de consumo mais referido por esta faixa etária é a casa em frente aos pais, o que está de acordo com a literatura no sentido dos primeiros consumos acontecerem muitas vezes em contexto familiar Ferreira,³⁸ sendo este contexto menos associado a consumos excessivos.¹⁶

Debruçando-nos agora sobre os locais de residência dos adolescentes, apesar das ligeiras diferenças encontradas a nível do tipo de bebida e dos contextos de consumo parecerem sugerir um consumo de características mais tradicionais por parte dos

indivíduos das freguesias mais rurais, estas são demasiado pequenas e carecem de significância estatística. A semelhança nos níveis de consumo de álcool entre estes grupos encontra eco no trabalho de Teixeira, A. onde foi utilizada uma divisão de áreas de residência semelhantes para uma amostra de adolescentes transmontanos.²³ Segundo este autor esta homogeneização de consumos está relacionada com o processo de globalização de costumes e com o impacto que os *mass media* desempenham no desenvolvimento atual de crenças e valores, assim como a uniformização de guiões comportamentais pela exposição aos mesmos modelos. O mesmo se poderá dizer dos adolescentes melgacenses já que com o acesso generalizado aos meios de comunicação o isolamento que poderá haver nas zonas mais periféricas e rurais será no máximo físico, o que poderia limitar por exemplo o acesso aos locais de diversão noturna localizados maioritariamente na zona “centro” mas que no entanto não parece ser relevante para os consumos de álcool.

Segundo a teoria de stress social, a exposição ao stress, incluindo privação económica crónica, poderá levar ao uso de substâncias provavelmente como mecanismo de *coping*.³⁹ Por outro lado o aumento dos recursos económicos e o dinheiro que os adolescentes tem à sua disposição diminuem o custo relativo destas podendo estar associados a uma aquisição mais facilitada das mesmas.⁴⁰ Na realidade a relação entre o nível socioeconómico e o consumo de substâncias como o álcool não é linear e varia consoante os indicadores de SES e as medidas de consumo.⁴¹ O nível de escolaridade parental apesar de ser usado como indicador socioeconómico único em estudos relacionados ao consumo de substâncias, é mais frequentemente usado em conjunto com os rendimentos familiares. Estes últimos seriam dificilmente avaliados em adolescentes pelo método usado neste estudo. Segundo os resultados deste estudo pode-se afirmar que não existe relação aparente entre a escolaridade parental e o grau de envolvimento com o álcool dos adolescentes em questão, não é possível no entanto prever a existência ou não de relações entre outros indicadores de SES e/ou diferentes medidas de consumo.

Apesar dos resultados a nível das várias características do consumo de álcool dos adolescentes da amostra se apresentarem como menos preocupantes na maioria das comparações feitas com outros estudos, estes estão longe de o ser do ponto de vista da saúde do adolescente. Tendo em conta que as recomendações médicas nesta área são de apenas iniciar o consumo depois dos 18 anos⁴², é preocupante verificar que do total dos adolescentes inquiridos 79,9% são bebedores regulares e que por exemplo no 9º ano, 76.3% dos adolescentes já terão consumido álcool, sendo que a maioria destes ao ter iniciado consumo abaixo dos 15 anos apresentará um risco acrescido para o desenvolvimento de dependência desta substância no futuro.⁶

O presente estudo terá apresentado uma boa validade interna já que obteve uma alta taxa de adesão por parte dos adolescentes, e boa representatividade ao incluir alunos de todas as turmas do 9º ao 12º ano da única escola a lecionar estes anos letivos no concelho de Melgaço. Não se poderá no entanto fazer muitas generalizações nomeadamente para as faixas etárias mais novas não abordadas já que os contornos do consumo de álcool na adolescência como foi visto são sensíveis a sofrer alterações com a idade, daí achar-se pertinente que estas sejam abordadas em futuros estudos. Em termos de limitações tem que se considerar pelo menos as associadas ao instrumento de colheita de dados, já que um questionário ou uma escala não permitem avaliar o comportamento de uma pessoa mas apenas o que esta diz ser o seu comportamento ou juízo sobre determinado assunto Fonte (1998). Apesar de se ter assegurado o anonimato e confidencialidade do estudo, poderá haver algum viés relacionado com o facto de tema do consumo de álcool ser um assunto pouco confortável especialmente para esta faixa etária.

Bibliografia

1. Steinberg, L. Adolescence. *Gale Encyclopedia of Childhood and Adolescence* Retrieved 20-03-2000, 1998
2. WHO. *Health and Health Behaviour among young people. Health Behaviour in School-aged Children: A WHO Cross-National Study (HBSC) International Report*. Geneva: WHO.2000
3. Cato, B. M. . Youth's Recreation and Drug Sensations: Is there a relationship? *Journal of Drug Education*, 22, 293-301
4. Bradizza et al. Social and coping reasons for drinking: Predicting alcohol misuse in adolescents. *Journal of Studies on Alcohol*, 60; 1999; 491-499.
5. Antunes, Calvário; Os jovens e o consumo de bebidas alcoólicas.Referência. Coimbra. ISSN 0874-02-83. Nº 1;Set. 1998; p. 29-39.
6. Grant, B. J., Dawson, D. A; "Age of onset of alcohol use and its association with DSM -IV alcohol abuse and dependence: results from the National Longitudinal Alcohol Epidemiologic Survey". *J Subst Abuse*. 9: 1997; p.103-110.
7. Matos MG, Equipa do Projecto Aventura Social e Saúde. A saúde dos adolescentes portugueses (quatro anos depois). Relatório Português Estudo HBSC. Lisboa: FMH; 2003.
8. Johnston, L. et al. *Monitoring the Future: National survey results on drug use, 1975-2004*. Bethesda, MD: National Institute of Drug Abuse. 2005.
9. ZEIGLER, D. W. et al. The neurocognitive effects of alcohol on adolescents and college students. *Preventive Medicine*. 40;2005; p. 23-32.
10. Wechsler, H. et al.Changes in Binge Drinking and Related Problems among American College Students Between 1993 and 1997: Results of the Harvard School of Public Health College Alcohol Survey. *Journal of American College Health*, 47(2); 1998; p.57-68.
11. Porter, S.R., & Pryor, J. The Effects of Heavy Episodic Alcohol Use on Student Engagement, Academic Performance, and Time Use. *Journal of College Student Development*, 48(4), 2007; 455-467.
12. Preseley, et al. Alcohol and Drugs on American College Campuses: Use, Consequences, and Perceptions of the Campus Environment, Volume I: 1989:91, 1993; 105.
13. Barroso, Teresa et al. Análise do fenómeno do consumo de alcool em adolescentes: estudo realizado com adolescentes do 3º ciclo de escolas públicas; *Revista Latino-am Enfermagem* ; 17(3); 2009.
14. Hibell, B., et al. *The 2011 ESPAD Report. Substance use among students in 36 European Countries*; CAN (The Swedish Council for Information on Alcohol and other Drugs). Stockolm; 2012
15. Feijão, F. Inquérito Nacional em Meio Escolar, 2011 – Secundário: Consumo de Drogas e outras Substâncias Psicoativas: Uma Abordagem Integrada (Síntese dos resultados); Serviço de Intervenção no Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD); 2011

16. Feijão, F. Epidemiologia do consumo de álcool entre os adolescentes escolarizados a nível nacional e nas diferentes regiões geográficas; *Revista Tóxicodependências*; Edição IDT; vol.16;nº 1; 2010; pp. 29-46
17. Mendes, Vera; Lopes, Paulo; Hábitos de consumo de álcool em adolescentes; *Revista Tóxicodependências*; Edição IDT; 13(2) 2007; pp. 25-40
18. O'Malley, P., Johnston, L., & Bachman, J. Alcohol use among adolescents. *Alcohol Health & Research World*, 22(2); 1998; 85-94
19. Stock, Christiane et al. Effects os school district factors on alcohol consumption: results of a multi-level analysis among Danish adolescents; *European Journal of Public Health*, 21 (4), 449-455
20. Mayer J, Filstead WJ. The Adolescent Alcohol Involvement Scale: an instrumentfor measuring adolescents' use and misuse of alcohol. *J Stud Alcohol* 1979;40(3): 291-300.
21. Barrias J, Neves G, Enes F, Pimentel L. A propósito de uma escala de envolvimento alcoólico no adolescente de John Mayer e William Filstead. Paper apresentado.In: II Encontro Nacional Sobre o Ambulatório em Saúde Mental, Setúbal;1984.
22. Fonte A, Alves A. Uso da escala de envolvimento com o álcool para adolescentes (AAIS): avaliação das características psicométricas. *Rev. Soc. Portuguesa de Alcoologia* 7 (4).1999
23. Teixeira, A.; O consume de bebidas alcoólicas como Lazer; Tese de Doutoramento em Psicologia pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Repositório UTAD 2008
24. Reis et al. Prevalência da INgestão de Álcool no Adolescentes – Estudo PINGA; *Rev Port Clin Geral*; 27; 2011; 338-46
25. Hawkins, JD et al : Exploring the effects of age of alcohol use initiation and psychosocial risk factors on subsequent alcohol misuse. *J Stud Alcohol* ; 58:1997; 280–290
26. Chou SP, Pickering RP: Early onset of drinking as a risk factor for lifetime alcohol-related problems. *Br J Addict*; 1992;80; 1199–1204
27. Gruber E, DiClemente RJ, Anderson MM, Lodicco M: Early drinking onset and its association with alcohol use and problem behavior in late adolescence. *Prev Med* 25; 1996; 293–300
28. Barbosa, A., & Sousa, B. População juvenil e as bebidas alcoólicas: Consumo e atitudes. *Revista da Sociedade Portuguesa de Alcoologia*, 2(3), 1993; 9–47
29. Ferreira, Mafalda et al. Consumo de substâncias na adolescência: Evolução ao longo de 8 anos; in Matos, M. Consumo de Substâncias: Estilo de Vida? À procura de um Estilo?; Coleção Estudos- Universidades; Edição IDT; Lisboa; 2008; 319-340
30. Feijão, F. & Lavado, E. Evolução do consumo de drogas na adolescência: Ruptura ou continuidade. *Toxicodependências*, 10(3): 31-47
31. Ledoux, et al. Consommation de substances psychoactives à l'adolescence. *Revue des études de cohorte. Alcoologie et Adictologie*, 22; 19-40

32. Hernandez, T.; Llàcer, L., Técnicas de prevención del alcoholismo, In J. A., Diaz,; J. F. M., Frias, (Ed.), Actualización del tratamiento del alcoholismo, Barcelona, Masson, 1996 pp. 143-167
33. Arnett, J. The psychology of globalizations. *American Psychologist*, 57(10), 33; 2002; pp 143-167
34. Crosnoe, R. The connection between academic failure and adolescent drinking in secondary school. *Sociology of Education*, 79, 44-60
35. Correia, R; Consumo de Substâncias lícitas e ilícitas por jovens estudantes das escolas profissionais do distrito da Guarda. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Psicologia da UP. Repositório-aberto Up; Porto; 2000
36. Simões, R. Comportamentos de Risco na Adolescência, Dissertação de Doutoramento apresentada á Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa; Lisboa 2005
37. Decreto de Lei nº 50/2013 de 6 de Abril
38. Ramos, Isabel; Existem muitos alcoólicos na faixa etária dos 20 anos. *Medicina & Saúde*. Lisboa. 2; 1997, p.52-53
39. Pearlin, et al, The stress process. *Journal of Health and Social Behavior*, 22; 1981; 337–356.
40. Humensky, Jennifer L. Are adolescents with high economic status more likely to engage in alcohol and illicit drug use in early adulthood? *Humensky Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy* 2010, 5:19
41. Barret, Anne E. & Turner, Jay R. Family structure and substance use problems in adolescence and early adulthood: examining explanations for the relationship, *Addiction*, 101; 2003; 109-120.
42. Marinho, Rui Tato. O álcool e os Jovens. *Ver Port Clin Geral*; 24; 2008; 293-300

Anexos

ANEXO 1 - Instrumento Quantitativo

Caro/a participante:

Este questionário insere-se na elaboração de uma investigação para dissertação final no Mestrado Integrado em Medicina, ministrado pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, que visa a recolha de informação relativa ao envolvimento com o álcool.

Pedimos a sua colaboração, sendo essencial que responda com sinceridade às questões. A participação neste estudo é estritamente **confidencial** e **anónima**, e os dados recolhidos serão usados exclusivamente para fins de investigação científica.

Por favor Preencha os seguintes dados:

Data ____ / ____ / ____

1. Idade: ____
2. Sexo: Masculino Feminino
3. Ano de Escolaridade _____
4. Freguesia de residência:
 Vila Prado/Roussas Outra
5. Escolaridade do Pai/Mãe (Assinale em relação ao que tiver nível superior de instrução):
 Não frequentou ensino primário ou incompleto
 Ensino primário completo
 2º ou 3º ciclo (5º ao 9º)
 Ensino secundário (10º ao 12º)
 Curso profissional
 Curso superior
6. Reprovou em algum ano desde a escola primária?
 Sim Não
7. Se sim, em qual/quais? _____

3. Habitualmente começo a beber:
 - a) Porque gosto do paladar.
 - b) Para acompanhar os amigos.
 - c) Para sentir-me como os adultos.
 - d) Porque me sinto nervoso, tenso, cheio de aborrecimento ou com problemas.
 - e) Porque me sinto triste, só, com pena de mim próprio.
4. Que bebida(s) costuma beber?
 - a) Vinho.
 - b) Cerveja.
 - c) Cocktails de bebidas alcoólicas.
 - d) Vodka, Whisky, Rum, shots ou licores.
5. Como começou a beber?
 - a) Na presença dos pais ou parentes.
 - b) Com os irmãos ou irmãs.
 - c) Em casa sem os pais saberem
 - d) Com os amigos
 - e) Comprada por mim
6. Com que idade bebeu pela primeira vez?
 - a) Nunca.
 - b) Recentemente.
 - c) Depois dos 15 anos.
 - d) Entre os 14 e os 15 anos.
 - e) Entre os 10 e os 13 anos.
 - f) Antes dos 10 anos.
7. A que horas do dia costuma beber?
 - a) Com as refeições
 - b) À noite.
 - c) De tarde.
 - d) Normalmente de manhã ou com o pequeno almoço.

Por favor leia atentamente as seguintes questões assinalando a resposta adequada. Em cada pergunta pode ser assinalada mais do que uma opção.

1. Com que frequência costuma tomar bebidas alcoólicas?
 - a) Nunca.
 - b) 1 ou 2 vezes por ano.
 - c) 1 ou 2 vezes por mês.
 - d) Todos os fins-de-semana.
 - e) Várias vezes por semana.
 - f) Todos os dias.
2. Quando bebeu pela ultima vez?
 - a) Nunca bebi.
 - b) Há mais de um ano.
 - c) Entre 6 meses e 1 ano.
 - d) Há várias semanas atrás

- e) Muitas vezes levanto-me durante a noite e bebo um copo.
8. Da primeira vez que bebeu, porque razão o fez?
- Por curiosidade.
 - Porque me foi oferecido pelos pais ou família.
 - Entusiasmado pelos amigos.
 - Para me sentir mais adulto.
 - Para me embriagar ou para entrar “numa boa”.
9. Quando bebe, quanto bebe?
- 1 copo ou menos.
 - 2 copos.
 - 3 a 6 copos.
 - 6 ou mais copos.
 - Até ficar alegre ou bêbado.
10. Com quem costuma beber?
- Só com os meus pais ou família.
 - Só com os meus irmãos ou irmãs.
 - Com os amigos da minha idade.
 - Com amigos ou companhias mais velhas.
 - Bebo sozinho.
11. Qual o efeito mais importante que já teve com a bebida?
- Descontrair-me.
 - Ficar moderadamente alegre.
 - Ficar bêbado.
 - Ficar doente.
 - Desmaiar, perder os sentidos.
 - Beber muito e não me lembrar de nada no dia seguinte.
12. Qual a maior consequência da bebida que já sentiu em toda a sua vida?
- Nenhuma – não senti qualquer efeito.
 - Interferiu com o que dizia.
 - Não me deixou passar um bom bocado.
 - Interferiu com o meu trabalho escolar.
 - Perdi alguns amigos por beber bebidas alcoólicas.
 - Provocou-me problemas em casa.
 - Meti-me à pancada ou destruí coisas
 - Provocou-me um acidente, ferimentos, problemas com a polícia ou fui castigado na escola.
13. Como se sente em relação ao que bebe?
- Sem problemas.
 - Posso controlar-me e impor limites a mim próprio.
 - Acho que posso controlar-me, mas os amigos influenciam-me com facilidade.
 - Tenho-me sentido mal comigo por beber.
 - Preciso que me ajudem para poder controlar-me.
 - Já tive que pedir ajuda ou que me tratassem por causa do que bebo.
14. Como o acham os outros?
- Não sei, ou acham-me um bebedor normal para a minha idade.
 - Acham que quando bebo tenho tendência a negligenciar a minha família e os meus amigos.
 - A família e/ou os amigos já me disseram para me controlar melhor, ou para cortar com o álcool.
 - A família e/ou amigos já me aconselharam a procurar ajuda por causa do que bebo.
 - A família e/ou amigos já alguma(s) vez(es) pediram ajuda para mim por causa da bebida.
15. Em que medida seria fácil para si obter/consumir bebidas alcoólicas, caso estivesse interessado(a)?
- Muito fácil.
 - Fácil.
 - Difícil.
 - Muito Difícil.
 - Impossível.
 - Não sei.
16. Em que locais costuma beber?
- Em casa, às escondidas dos pais.
 - Em casa, à frente dos pais.
 - Em casa de amigos.
 - Na escola.
 - Na rua
 - Num café
 - Num bar ou discoteca/em festas

1. Das atividades a seguir enumeradas, faça um X no local adequado à frequência com que as realiza. Na coluna mais à direita escreva a idade com que iniciou a respetiva atividade, caso se aplique:

	De 2ª a 6ª Feira				Fim-de-Semana				Idade de Início
	Nunca	Raramente	As vezes	Frequentemente	Nunca	Raramente	As vezes	Frequentemente	
Ir ao café									
Frequentar Bares/discotecas (locais de diversão noturna)									

ANEXOS 2 – Pedido de autorização ao encarregado de educação

Pedido de autorização aos Encarregados de Educação para Estudo Quantitativo



O Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, no âmbito da dissertação de mestrado do curso Mestrado Integrado em Medicina e em colaboração com o Agrupamento de Escolas de Melgaço, irá realizar um estudo que se destina à análise de vários aspetos relacionados com a vida dos adolescentes, junto de alunos do 9º, 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, durante o ano letivo de 2012/2013. Para tal, vimos por este meio solicitar a V. Ex.a que autorize a participação do seu educando.

Os dados recolhidos através de um questionário de autoavaliação serão rigorosamente anónimos e confidenciais.

Gratos pela sua colaboração,

A diretora do AEM,

O responsável pelo estudo,

Autorização

Eu, _____,

Encarregado (a) de Educação do aluno (a) _____

_____, nº __, da turma __, do ano __ declaro que autorizo o meu educando a participar no estudo a realizar pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto.

O (A) Encarregado de Educação

Data: __ / __ / __
